



II SENAVI

SEMINÁRIO NACIONAL DE ACIDENTES E VIOLÊNCIAS

“FALANDO SOBRE ACIDENTES E VIOLÊNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA”

07 a 12/12 de Dezembro de 2020

ANAIS DO II SEMINÁRIO NACIONAL DE ACIDENTES E VIOLÊNCIA

Vol. 2 2020 – ISSN 2594-6021

REALIZAÇÃO



ORGANIZAÇÃO



APOIO



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Saúde





**“FALANDO SOBRE ACIDENTES E VIOLÊNCIAS EM TEMPOS
DE PANDEMIA”**

**Anais do II Seminário Nacional de Acidentes e Violência
Vol. 2 2020**

07 a 12/12 de Dezembro de 2020

Evento virtual (online)

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP) (Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Leite, Franciéle Marabotti Costa - 1980

L533s II Seminário Nacional de Acidentes e Violência: Falando sobre acidentes e violências em tempos de pandemia. / Franciéle Marabotti Costa Leite. - Dados eletrônicos. - Vitória: Editora UFES, 2020.

46 p. - (Série: Seminário Nacional de Acidentes e Violência ; v.2)

ISSN: 2594-6021

Modo de acesso: <https://lavis.ufes.br>

1. Violência. 2. Acidentes. 3. Epidemiologia. 4. Pandemia.

5. Covid-19. 6. Cuidado. I. Leite, Franciéle Marabotti Costa, 1980

-. II. Série. CDU: 61

Elaborado por Rafael Lima de Carvalho – CRB-6 MG-002926/O

Presidente

Dra. Franciéle Marabotti Costa Leite

Departamento de Enfermagem. Programa de Pós-graduação em Enfermagem (PPGENF). Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Fundadora e Líder do Laboratório de Estudos sobre Violência, Saúde e Acidentes (LAVISA).

Vice-Presidente

Dr. Fábio Lúcio Tavares

Departamento de Enfermagem. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Vice-líder do Laboratório de Estudos sobre Violência, Saúde e Acidentes (LAVISA).

COMISSÃO ORGANIZADORA

Bruna Venturin
Edleusa Gomes Ferreira Cupertino
Fabiana Gonring Xavier
Fábio Lúcio Tavares
Franciele Marabotti Costa Leite
Getulio Sérgio Souza Pinto
Isaura Barros Alves Pinto
Jacira dos Anjos Pereira
José Henrique Itchenco Filho
Juliana Almeida Storari Silva
Karina Fardin Fiorotti
Karla de Melo Batista
Letícia Peisino Buleriano
Luíza Eduarda Portes Ribeiro
Márcia Regina de Oliveira Pedroso
Marieli Thomazini Piske Garcia
Maryna Conceição Sepriano Ribeiro
Mayara Alves Luis
Ranielle de Paula Silva
Solange Drumond Lanna
Sthéfanie da Penha Silva

COMISSÃO CIENTÍFICA

Fabiana Gonring Xavier
Fábio Lúcio Tavares
Franciéle Marabotti Costa Leite
Getulio Sérgio Souza Pinto
Karla de Melo Batista
Márcia Regina de Oliveira Pedroso

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO CIENTÍFICO

Cândida Caniçali Primo
Eliane de Fátima Almeida Lima
Kallen Dettmann Wandekoken
Léia Damasceno de Aguiar Brotto
Lorena Barros Furieri
Luciana de Cássia N. Nascimento
Magda Ribeiro de Castro Soares
Márcia Valéria de Souza Almeida
Mariana Rabello Laignier
Paula de Souza Silva Freitas
Priscilla Silva Machado

SOBRE O EVENTO

Os acidentes e violências representam um grave problema de saúde pública, uma vez que podem comprometer o bem-estar, a integridade física, psicológica e o direito ao pleno desenvolvimento de quem a vivencia.

Nesse sentido, o Laboratório de Estudos Sobre Violência, Saúde e Acidentes (LAVISA) da Universidade Federal do Espírito Santo, organizam o segundo SENAVI que possibilitará, em tempos de pandemia, a discussão dos acidentes e violência, que dentre as causas externas correspondem importantes causas de mortalidade no Estado do Espírito Santo e no Brasil.

EIXOS TEMÁTICOS

Eixo a – Acidentes

Políticas de prevenção e enfrentamento dos acidentes
Epidemiologia dos acidentes
Acidentes de transporte

Eixo b – Violências

Políticas de prevenção e enfrentamento da violência
Violência interpessoal
Violência autoprovocada

Data	Horário	Atividade	Convidado
07/12/202	18 às 20 horas	<p>Abertura do Evento</p> <p>Conferência de abertura:</p> <p>“Violência e acidentes em tempos de Covid-19”</p>	<p>Dra. Elizabete Regina de Araújo Oliveira Representante do Departamento de Enfermagem</p> <p>Dr. Edson Theodoro Coordenador do PPGSC</p> <p>Dra. Cândida Caniçali Primo Coordenadora do PPGENF</p> <p>Dra. Franciéle Marabotti Costa Leite Líder do Lavisa</p> <p>Dr. Daniel Cerqueira (IPEA/IJSN-ES)</p>
08/12/2020	18 às 19 horas	<p>Conferência:</p> <p>“Os efeitos do Comportamento humano e no trânsito”</p>	<p>Saete Romero Especialista em trânsito</p> <p>Moderador: Dr. Fábio Lúcio Tavares</p>
	19 às 20 horas	<p>Mesa Redonda</p> <p>“Década de ação pela segurança no trânsito: balanço e perspectivas futura”</p>	<p>Dr. Victor Pavarini (OPAS)</p> <p>Enfa. Cheila Marina de Lima (Ministério da Saúde)</p> <p>Moderador: Dr. Fábio Lúcio Tavares</p>
09/12/2020	18 às 19 horas	<p>Conferência:</p> <p>“O contexto da violência interpessoal em tempos de pandemia nos diferentes grupos sociais”</p>	<p>Dra. Suely Ferreira Deslandes (Fiocruz)</p> <p>Moderadora: Dra. Franciéle Marabotti Costa Leite</p>
	19 às 20 horas	<p>Conferência:</p> <p>“O contexto da violência autoprovoçada em tempos de pandemia”</p>	<p>Dra. Claudia Araújo – UFMS</p> <p>Moderadora: Solange Lanna (NUPREVI/PMV)</p>
10/12/2020	18 às 20 horas	<p>Mesa redonda:</p> <p>“As práticas integrativas e a aplicabilidade com as vítimas de violências e acidentes”</p>	<p>Islândia Maria Carvalho Souza (Observatório de Pics - Fiocruz)</p> <p>Roberta Mara Araújo Oliveira e Silva (CREG/ Piauí)</p> <p>Ms. Henriqueta Tereza do Sacramento (SEMUS/Vitória)</p> <p>Moderadora: Edleusa Gomes Ferreira Cupertino (SESA/ES)</p>
11/12/2020	18 às 20 horas	<p>A clínica do trauma psicológico: perspectivas interdisciplinares no cuidado às pessoas vítimas de violência e acidentes.</p>	<p>Dra. Ana Maria Rudge (PUC-Rio)</p> <p>Dr. Erly Alexandrino da Silva Neto(Teoria Psicanalítica pela UFRJ)</p> <p>Ms. Natália Salviato Nespoli</p> <p>Moderador: Ms. Getúlio Sérgio Souza Pinto</p>
12/12/2020	09 às 11 horas	<p>Apresentação de trabalho (Moderadoras: Márcia Regina de Oliveira Pedroso, Marielle T. Piske Garcia; Mayara Alves Luz e Ranielle de Paula Silva)</p>	
	11 às 12 horas	<p>Premiação e Encerramento</p> <p>Dra. Franciéle Marabotti Costa Leite</p>	

SUMÁRIO

<u>Título</u>	<u>Pág.</u>
Trabalhos apresentados no evento	10
Educação permanente em saúde como ferramenta de proteção e combate à violência autoprovocada: relato de experiência do pet-saúde/interprofissionalidade.	11
Tendência de morbimortalidade por quedas no Espírito Santo no ano de 1996- 2016.	12
Experiência de violência e o perfil de puérperas internadas em uma maternidade pública.	13
Sintomas de depressão pós-parto, vivência de violência pelo parceiro e suporte social: uma análise dos fatores associados.	14
Uso das práticas integrativas e complementares como medida de prevenção da violência autoprovocada.	15
Criação da lei do cuidado no Espírito Santo.	16
Relato de experiência do colegiado de grupos de enfrentamento da violência na pandemia de COVID-19 no Espírito Santo.	17
A importância da conscientização para o enfrentamento da violência contra a mulher.	18
Associação entre violência física por parceiro íntimo e apoio social percebido por puérperas.	19
A atuação do psicólogo no atendimento de crianças e adolescentes acometidas pela violência autoprovocada.	20
Violência psicológica e negligência contra adolescentes no Espírito Santo: características das vítimas.	21
Violência psicológica e negligência contra adolescentes no Espírito Santo: características do perpetrador e da agressão.	22
O papel da atenção primária à saúde na violência doméstica.	23
Violência contra mulher: percepção dos estudantes de enfermagem quanto ao enfrentamento desse fenômeno.	24
Fatores associados à violência de repetição contra adolescentes no Espírito Santo.	25
Caracterização da violência de repetição contra adolescentes no Espírito Santo.	26
Condutas autolesivas e fatores de risco em adolescentes: uma revisão integrativa.	27
Relato de experiência: assistência de enfermagem no programa de atendimento às vítimas de violência sexual – PAVIVIS.	28
Vulnerabilidade da mulher: aspectos éticos e legais da gravidez decorrente da violência sexual.	29

Perfil epidemiológico de acidentes por animais peçonhentos no estado do Piauí no período de 2014 – 2017.	30
Integração entre escolas primárias e acadêmicos de medicina no combate ao abuso sexual infantil no oeste da Bahia.	31
Sala de espera como espaço de prevenção ao suicídio.	32
Bate-se em uma mulher: uma análise psicanalítica da violência doméstica.	33
Violência autoprovocada na infância: uma análise dos casos notificados no Espírito Santo.	34
Análise dos casos notificados de violência psicológica contra crianças no Espírito Santo.	35
Análise espacial dos casos notificados de violência contra adolescentes no Espírito Santo	36
Ideação suicida e influência da pandemia do COVID-19.	37
Grupo terapêutico de mulheres na unidade básica de saúde do Alagoano e a organização do coletivo de mulheres unidas de Caratoíra – MUCA.	38
Vivência de violência por parceiro íntimo ao longo da vida e as características socioeconômicas: estudo em um setor de ginecologia.	39
A vitimização de violência por parceiro íntimo ao longo da vida e o apoio social percebido: estudo em um setor de ginecologia.	40
A COVID-19 e os efeitos da doença em adolescentes: ação dos professores do colégio Joaquim de Freitas após retorno as aulas	41
Caracterização da violência sexual infantil e dos agressores no período de 2009-2018.	42
Perfil de mortalidade por acidentes de transporte e acidentes automobilísticos no Brasil	43
Trabalhos premiados	44

TRABALHOS APRESENTADOS NO EVENTO

APRESENTAÇÃO ORAL

EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE COMO FERRAMENTA DE PROTEÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA AUTOPROVOCADA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PET-SAÚDE/INTERPROFISSIONALIDADE

ANDREY SANTOS DE JESUS¹; LAYLLA MIRELLA GALVÃO AZEVÊDO¹; LUCAS EMANUEL DOS SANTOS¹; MILA SILVA CUNHA¹; MIRLA ANIELE FERREIRA MERGULHÃO¹; YASMIM DE SANTANA ANDRADE¹; IZABELLA MILLENA DO LAGO VALADARES¹; IZAMARA DOSREIS SANTOS¹; EDNA DOS SANTOS OLIVEIRA¹; VITOR BONFIM NUNES MAIA¹; SARA MICAELLE DOS ANJOS LOPES¹; ISLANE LEOPOLDINA DOS SANTOS SILVA¹; LUANA DA SILVA GONÇALVES¹; JOSÉ RONALDO RODRIGUES DE DEUS JUNIOR¹; CALINE DE ALMEIDA BARBOSA¹; MÁRCIA REGINA DE OLIVEIRA PEDROSO²

¹Discentes da Universidade Federal do Oeste da Bahia; ²Docente da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo.

Introdução: A Educação Permanente em Saúde (EPS) prevê a instauração de processos de ensino e aprendizagem no cotidiano laboral das equipes de saúde. As dificuldades e a fragilidade dos profissionais de saúde referente ao cuidado e encaminhamento de usuários com acometimentos à saúde mental que colocam em risco a sua integridade física justificam o uso da EPS frente à prevenção da violência autoprovocada. **Objetivos:** Relatar a experiência de uma EPS enquanto ferramenta de manejo da violência autoprovocada em Unidades de Saúde da Família (USF) de Barreiras-BA. **Metodologia:** Após levantamento das demandas das Equipes de Saúde da Família (EqSFs) foi realizada uma EPS direcionada à prevenção da violência autoprovocada. Sua organização ocorreu a partir de reuniões, com definição dos principais pontos a serem abordados e suas estratégias de execução. A atividade ocorreu em quatro momentos. Inicialmente, houve encenação pelos discentes do PET-Saúde Interprofissionalidade, expondo condutas profissionais no acolhimento dos casos. Em seguida, se discutiu casos recorrentes nos territórios cobertos e potenciais estratégias a serem inseridas no processo de cuidado. Para estimular a habilidade na tomada de decisões, as equipes foram expostas aos cenários de conflitos. Por fim, houve esclarecimentos pertinentes acerca do assunto. **Resultados:** O feedback dos participantes da EPS foi positivo, especialmente em relação à articulação do cuidado e da promoção de espaços para desenvolver estratégias interprofissionais que considerem a realidade local, rumo à prevenção da violência autoprovocada. Ao dialogar com as EqSF sobre o assunto, é possível compreender a dinâmica local e traçar estratégias mais assertivas de acolhimento das vítimas. **Considerações finais:** O uso da EPS com foco no manejo da violência autoprovocada é fundamental para a formação dos profissionais de saúde a fim de identificar condições que podem predispor as vítimas, garantindo assim o cuidado integral e o acolhimento dos usuários.

Palavras-chave: Educação Permanente; Educação em Saúde; Violência; Saúde Pública; Suicídio

TENDÊNCIA DE MORBIMORTALIDADE POR QUEDAS NO ESPÍRITO SANTO NO ANO DE 1996- 2016

LUCAS GARCIA FEITOSA¹, BRUNO HENRIQUE FIORIN², MARCOS VINÍCIUS FERREIRA DOS SANTOS³

¹Enfermeiro do Município de Pedro Canário, ES; ²Enfermeiro, Doutor em Ciências, Professor do Departamento de Enfermagem-UFES; ³Enfermeiro, Doutor em Saúde Pública, Professor do Departamento de Ciências da Saúde (CEUNES)-UFES.

Introdução: As quedas compõem uma parcela significativa dos acidentes por causas externas, especialmente entre a população idosa, e se caracterizam como eventos causadores de lesões não intencionais. **Objetivo:** Analisar a tendência de mortalidade por quedas, em idosos, no período de 1996 a 2016, no estado do Espírito Santo. **Metodologia:** Trata-se de um estudo ecológico com utilização das taxas de mortalidade por quedas em idosos no estado do Espírito Santo entre 1996-2016, segundo sexo e grupo etário (60-69 anos; 70-79 anos; ≥80 anos), os dados de óbitos foram obtidos no Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) através do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). As análises de tendência foram realizadas segundo modelo de regressão linear. **Resultados:** Destaca-se de modo geral, a tendência crescente da mortalidade por quedas em idosos no Espírito Santo entre 1996-2016, ocorrendo principalmente entre o grupo etário de 80 anos ou mais. Em relação ao sexo, os homens têm maior taxa de mortalidade em comparação as mulheres no mesmo período estudado. Os resultados desta pesquisa indicam que o número de óbitos por quedas em idosos é um problema de saúde de pública no Espírito Santo. Esse resultado é consequência do processo natural do envelhecimento, no qual ocorre perda progressivas de equilíbrio, massa muscular e óssea. Sendo assim, as ações de prevenção de quedas devem destinar-se, ao grupo etário de 80 anos ou mais, por ocorrer nessa faixa etária uma maior frequência de óbitos por quedas. **Conclusões:** Os achados nesta pesquisa revelam a importância da criação de novas estratégias assistenciais, objetivando a melhora do custo-benefício da prevenção, detecção precoce e tratamento das morbidades associadas à queda.

Palavras-chave: Acidentes por Quedas; Causas Externas; Mortalidade; Riscos Ambientais; Sistema de Informação

EXPERIÊNCIA DE VIOLÊNCIA E O PERFIL DE PUÉRPERAS INTERNADAS EM UMA MATERNIDADE PÚBLICA

MARIA LUIZA CUNHA SANTOS¹; RANIELLE DE PAULA SILVA²; FRANCIELE MARABOTTI COSTA LEITE³; DHERIK FRAGA SANTOS⁴

¹Estudante de graduação. Departamento de Enfermagem. Universidade Federal do Espírito Santo; ²Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo; ³Enfermeira. Doutora. Departamento de Enfermagem. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo; ⁴Enfermeiro, Hospital Evangélico de Vila Velha. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (UFES)

Introdução: O puerpério corresponde ao período que vai desde o parto até o estado geral da mulher retornar as condições anteriores à gestação, ocorrendo intensas modificações físicas e psicológicas num curto espaço de tempo. Assim posto, receber apoio, afeto, cuidado e proteção na gestação é fundamental para que o período gravídico puerperal transcorra com tranquilidade.

Objetivo: Descrever as características das puérperas internadas em uma maternidade pública.

Metodologia: Estudo descritivo realizado em uma maternidade pública no período de agosto a outubro de 2017. A amostra de 330 puérperas foi entrevistada e as características socioeconômicas, de apoio social e vivência de violência pelo parceiro foram coletadas através de questionário próprio aplicado individualmente e em local privativo por entrevistadoras previamente treinadas. A caracterização da amostra foi apresentada em frequência bruta e relativa.

Resultados: A maioria das participantes tinha entre 14 e 24 anos (58,5%), 80,3% estavam casadas ou em união consensual, mais da metade possuíam escolaridade de 9 anos ou mais (64,2%) e 58,2% pertenciam a classe econômica B/C. O baixo apoio social material foi relatado por 46,7% das puérperas, 53,0% tiveram baixo apoio afetivo/emocional. O apoio de informação foi baixo para 48,2% das puérperas assim como a interação social positiva (45,8%). Com relação a violência na vida, 17,0% relatou ter sofrido um tipo e 28,4% sofreram dois ou mais tipos. Ter passado por um tipo de violência na gestação foi relatado por 13,6% das entrevistadas, enquanto 6,1% sofreu dois ou mais tipos de violência durante esse período. **Conclusões:** A partir desses resultados observam-se as possíveis situações de vulnerabilidades as quais puérperas podem estar expostas. Dessa forma, há a necessidade em desenvolver estratégias direcionadas à essa população, visando abordar o fenômeno da violência no período gravídico-puerperal e subsidiar a formulação de novos programas e ações educativas voltadas a esse público.

Palavras-chave: Período Pós-Parto; Violência por Parceiro Íntimo; Depressão Pós-Parto; Saúde da Mulher

SINTOMAS DE DEPRESSÃO PÓS-PARTO, VIVÊNCIA DE VIOLÊNCIA PELO PARCEIRO E SUPORTE SOCIAL: UMA ANÁLISE DOS FATORES ASSOCIADOS

MARIA LUIZA CUNHA SANTOS¹; RANIELLE DE PAULA SILVA²; FRANCIELE MARABOTTI COSTA LEITE³; DHERIK FRAGA SANTOS⁴

¹Estudante de graduação. Departamento de Enfermagem. Universidade Federal do Espírito Santo; ²Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo; ³Enfermeira. Doutora. Departamento de Enfermagem. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo; ⁴Enfermeiro, Hospital Evangélico de Vila Velha. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (UFES)

Introdução: A Depressão Pós-Parto (DPP) é um agravo que acomete as mulheres nas quatro primeiras semanas após o parto. Quanto antes a DPP for identificada, maiores as chances de prevenir seus agravos, que envolvem a diminuição do vínculo mãe-bebê, mais estresse e disfunção na puérpera e que, quando não tratada, pode evoluir para a psicose pós-parto.

Objetivo: Verificar a associação de sintomas de depressão pós-parto com as características socioeconômicas, de apoio social e experiência de violência pelo parceiro íntimo. **Metodologia:** Estudo transversal analítico conduzido em uma maternidade pública de um município do Espírito Santo. Entre agosto e outubro de 2017, foram coletadas informações socioeconômicas, de apoio social, vivência de violência e os sintomas de depressão pós-parto de 330 puérperas internadas na referida maternidade. Para obtenção dos fatores associados aos sintomas depressivos pós-parto utilizou-se a regressão de Poisson, apresentando razões de prevalência bruta e ajustada adotando $p < 0,05$. **Resultados:** A prevalência de DPP foi de 29,7% (IC 25,0 – 34,9). Puérperas com idade entre 14 e 24 anos possuem 53% mais prevalência de sintomas de depressão pós-parto que puérperas com 25 anos ou mais (RP= 1,53; IC95%: 1,06 – 2,21). Aquelas com baixo apoio social afetivo/emocional apresentaram 2,15 vezes mais prevalência da sintomas depressivos quando comparadas as que percebiam esse apoio como alto. Sofrer duas ou mais violências na gestação representou uma prevalência 1,88 vezes maior de apresentar DPP quando relacionadas as que não sofreram violência na gestação. **Conclusão:** Os sintomas de DPP estiveram associados à idade, o nível de suporte social e a violência durante a gestação. Assim posto, a enfermagem possui um papel essencial no qual pode desenvolver, em conjunto aos outros profissionais, um plano de cuidado para evitar a DPP, amenizar sua ocorrência ou desenvolver o melhor tratamento para a puérpera.

Palavras-chave: Depressão Pós-Parto; Apoio Social; Período Pós-Parto; Fatores de Risco; Violência por Parceiro Íntimo

USO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES COMO MEDIDA DE PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA AUTOPROVOCADA

DOUGLAS PEREIRA MENDES¹; ANDREY SANTOS DE JESUS¹; ELLEN RAISSA COELHO RIOS¹; ENZO HENRIQUE SANTOS DOURADO¹; EUGÊNIO NUNES DO CARMO¹; JOANNA LARA CASTELO RODRIGUES¹; LAYLLA MIRELLA GALVÃO AZEVÊDO¹; MARIA EDUARDA OLIVEIRA REGO¹; MARIA LUÍSA PEIXOTO DE OLIVEIRA¹; NATHALIA GRAZIELLE SILVA MARTINS¹; TAINÁ HELOISA SANTOS NOGUEIRA¹; BRUNO KLECIUS ANDRADE TELES²

¹Estudante de Medicina UFOB; ²Docente UFOB.

Introdução: A violência autoprovocada é caracterizada pela intenção de um indivíduo atingir a si mesmo, seja por autoagressão ou comportamento suicida. As Práticas Integrativas e Complementares (PICs), tais como meditação, yoga e musicoterapia apresentam-se como intervenções importantes à sua prevenção. **Objetivos:** Promover discussão acerca da importância do cuidado à saúde mental, expondo as PICs como ferramentas de autocuidado voltadas à prevenção da violência autoprovocada. **Metodologia:** Organizado por acadêmicos de Medicina e docente do mesmo curso, o evento, gratuito, ocorreu através da plataforma Google Meet, em dois dias consecutivos, com 105 participantes. Foram realizadas discussões com psicólogos e educadores físicos sobre as PICs e autocuidado, além de práticas interativas de meditação e yoga. O impacto da ação e o perfil psicológico dos participantes foram avaliados, respectivamente, via formulário de qualidade da ação e pela Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão (HADS), ambos de resposta anônima e voluntária. **Resultados:** A avaliação de impacto do evento foi positiva, já que quase 100% dos participantes o consideraram muito bom e demonstraram interesse em manter as PICs enquanto ferramenta de cuidado em saúde e prevenção da violência autoprovocada. No que tange a sintomatologia depressiva, dos 57 respondentes, cerca de 70% apresentaram resultado improvável, enquanto 35,08% possuem sintomas compatíveis à depressão. Já em relação à ansiedade, 28,07% indivíduos apresentam resultado improvável, enquanto mais de 70%, possivelmente, sofrem de sintomas ansiosos. **Considerações finais:** A abordagem à saúde mental, com um enfoque nas PICs como instrumento preventivo da violência autoprovocada se mostrou uma importante estratégia à medida que viabilizou a discussão sobre o assunto e a identificação e prevenção de condições em saúde que podem comprometer a integridade física dos indivíduos.

Palavras-chave: Práticas Integrativas e Complementares; Saúde Mental; Conduta Autolesiva; Comportamento Suicida

CRIAÇÃO DA LEI DO CUIDADO NO ESPÍRITO SANTO

EDLEUSA GOMES FERREIRA CUPERTINO¹

¹Especialista em Violência contra Criança e Adolescente, Especialista em Saúde do Trabalhador, Analista em Gestão de Saúde, Servidora do SUS/FIOCRUZ cedida à Vigilância e Prevenção de Violências e Acidentes, Vigilância Epidemiológica, Secretaria Estadual de Saúde do Espírito Santo

Na portaria 204/2006, parceiros são chamados a comunicar agravos de notificação compulsória para o SUS. Embora importante, não é suficiente para a violência, pois desobrigados, desconsideram informações técnicas necessárias para atuação da saúde, ficando muitos casos sem o devido cuidado. O objetivo é relatar a produção de legislação estadual para ampliar o acesso ao cuidado em saúde às pessoas em situação de violência. Na análise epidemiológica dos dados de violência do SUS, percebia-se crescimento, ao mesmo tempo em que baixava o ponto de corte na idade, para as tentativas de suicídio e autoagressão pelos adolescentes e até crianças, chegando a ter registros de menores com 08 anos (SINAN) e 04 óbitos por suicídio em menores de 14 anos no ES, em 2018 (SIM/TABNET). A aprovação de psicólogo para a educação ampliou a busca de capacitação no SUS, para ajudá-los com os alunos com autoagressão. Percebeu-se uma demanda reprimida sem conhecimento do SUS, e que a intervenção precoce, poderia minimizar o impacto do sofrimento psíquico antes de se apresentarem ao SUS, mais graves. Produziu-se, então, a lei do cuidado: lei estadual a partir da federal, tornando obrigatória a notificação, para saúde, educação e assistência social em nível público, privado e filantrópico. A proposta foi levada ao plenário pela deputada Janete de Sá, sendo sancionada a Lei estadual 11.147, em 07.07.20. Nessa lei, a notificação de casos suspeitos ou confirmados de violência é feita na mesma ficha de notificação de violência interpessoal/autoprovocada do SUS, exclusivamente para o SUS. Na pandemia ocorre aumento no número de profissionais da educação capacitados, e espera-se ampliar o acesso ao cuidado às pessoas em sofrimento por violência, por meio da intersetorialidade, trabalhando a intervenção precocemente. Conclui-se que essa lei ampliará o cuidado, após a fase de regulamentação e volta das crianças.

Palavras-chave: Cuidado; Violência; Notificação Compulsória; Legislação em Saúde

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO COLEGIADO DE GRUPOS DE ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA, NA PANDEMIA DE COVID-19 NO ESPÍRITO SANTO

EDLEUSA GOMES FERREIRA CUPERTINO¹

¹Especialista em Violência contra Criança e Adolescente, Especialista em Saúde do Trabalhador, Analista em Gestão de Saúde, Servidora do SUS/FIOCRUZ cedida à Vigilância e Prevenção de Violências e Acidentes, Vigilância Epidemiológica, Secretaria Estadual de Saúde do Espírito Santo

Considerando a violência complexa, polissêmica e controversa, (Minayo, 1998), a Política de Redução de Morbimortalidade por Acidentes e Violência busca base na intersetorialidade para enfrentamento da violência e, por isso, a SESA está em vários grupos. Esse trabalho relata experiência exitosa na construção de Norma Técnica COVID-19, Espírito Santo. A pandemia provocou isolamento social gerando fechamento de postos de atenção às pessoas em violência. Corroboraram para o agravamento, as orientações de acesso à saúde, apenas em situação de gravidade, tornando as reuniões virtuais e que apontavam a falta de acesso dos usuários aos serviços fechados e/ou em atendimento remoto. Os serviços pediam orientação de como proceder em tempos de COVID 19. Uma reunião com representantes da ABEPS/ES – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS E PREVENÇÃO DO SUICÍDIO, ABENEPI/ES – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NEUROLOGIA E PSIQUIATRIA INFANTIL E DEMAIS PROFISSÕES AFINS - CAPÍTULO ESPÍRITO SANTO, AMUS/ES - ASSOCIAÇÃO DE MULHERES UNIDAS DA SERRA/ES, ATEFES/ES – ASSOCIAÇÃO DE TERAPIA FAMILIAR DO ESPÍRITO SANTO, CEDIMES – CONSELHO DE DIREITO DAS MULHERES DO ESPÍRITO SANTO, CEPEP/ES – CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISA EM EPIDEMIOLOGIA PSIQUIÁTRICA – PPGSC/UFES, CEPES/ES – CENTRO DE ESTUDOS DE PSIQUIATRIA DO ESPÍRITO SANTO, CRP16/ES – CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 16ª. REGIÃO, CVV – CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA, GTPS/ES – GRUPO DE TRABALHO DE PREVENÇÃO DO SUICÍDIO DO ESPÍRITO SANTO, INSTITUTO ACALANTO, LAPVIM/ES – LABORATORIO DE PESQUISA DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER – UFES, LAVISA/ES – LABORATORIO DE PESQUISA EM VIOLENCIA E ACIDENTES – UFES, MOMUCA/ES - MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS DO ESPÍRITO SANTO – ES produziu carta ao Governador do Estado reivindicando para as pessoas em situação de violência. Parte da carta foi usada na NOTA TÉCNICA COVID-19 Nº 68/2020 SESA/SSAS/GEPORAS/NEAE e SESA/SSVS/GEVS/NEVE/CE CUIDADO ÀS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA FRENTE À COVID-19, com contribuições do colegiado de grupos.

Palavras-chave: Política Pública; Intersectorialidade; Violência; Pandemia

A IMPORTÂNCIA DA CONSCIENTIZAÇÃO PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

FERNANDA TOURINHO PINTO FERRAZ¹; EUGÊNIO NUNES DO CARMO¹; FELIPE AFFONSO DE ANDRADE BAQUEIRO¹; GIOVANA COLETTI SEGGER¹; PAMELLA FERNANDES FRANÇA DAS GRAÇAS¹; THAMIRES CARDOSO CASTRO¹; INARA RUSSONI DE LIMA LAGO²

¹Discente de Medicina. Universidade Federal do Oeste da Bahia; ²Docente. Universidade Federal do Oeste da Bahia. Médica de família e comunidade. Mestranda. Universidade Federal do Sul da Bahia.

Introdução: O isolamento social é fundamental no enfrentamento da COVID-19. Porém, a reclusão da mulher no mesmo espaço que o agressor compromete sua segurança, principalmente ao dificultar a formalização das queixas. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, observou-se redução nas denúncias de crimes contra as mulheres, exceto a forma mais grave: violência letal. **Objetivo:** Relatar a experiência de uma aula sobre: “Violência contra a mulher e seu agravamento no contexto da pandemia”, realizada de maneira virtual pela Liga Acadêmica de Medicina de Família e Atenção Primária da Universidade Federal do Oeste da Bahia. **Metodologia:** A sessão foi realizada em Outubro e divulgada através de mídias sociais. Foi uma palestra aberta ao público, com inscrição prévia, contando com a presença de discentes, docentes e sociedade em geral. A aula foi ministrada por uma Assistente Social e uma Psicóloga, ambas ativistas na causa. Houve exposição do contexto histórico e retrocessos que ainda perpetuam essa mazela, além de esclarecimentos sobre as complexidades dos processos psicossociais e jurídicos que envolvem tal violência. Também foram levantadas medidas que estão sendo desenvolvidas na tentativa de minimizar as subnotificações das denúncias, como aplicativos de denúncia online. **Resultados:** O saldo da exposição foi positivo, com boas devoluções dos docentes e demais integrantes ao longo do processo. Tiveram espaço para diálogo e sanar dúvidas, o que gerou uma interação entre os participantes e palestrantes. Além disso, o espaço virtual possibilitou a presença de pessoas de outros estados na discussão. **Conclusão:** Fomentar o diálogo dentro da sociedade é ferramenta fundamental para contribuir com o enfrentamento dessa condição. As discussões dentro do meio acadêmico, além de orientar/conscientizar mulheres, possíveis vítimas, também elucidam para futuros profissionais de diversas áreas seus papéis nessas situações. Tais práticas devem ser estimuladas, contribuindo para o combate da violência contra a mulher.

Palavras-chave: Violência Contra a Mulher; Isolamento Social; Infecções por Coronavírus; Conscientização

ASSOCIAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA FÍSICA POR PARCEIRO ÍNTIMO E APOIO SOCIAL PERCEBIDO POR PUÉRPERAS

GABRIELA FERREIRA RIBEIRO¹; MÁRCIA REGINA DE OLIVEIRA PEDROSO²; FRANCIÉLE MARABOTTI COSTA LEITE³

¹Acadêmica de Enfermagem. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Espírito Santo; ²Nutricionista. Mestre. Centro das Ciências Biológicas e da Saúde. Universidade Federal do Oeste da Bahia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo. ³Enfermeira. Doutora. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Espírito Santo.

Introdução: O apoio social consiste nos recursos relacionais dos quais uma pessoa dispõe para enfrentar diferentes situações na vida. O suporte social recebido é extremamente importante para determinar a forma como a mulher enfrentará situações de violência e como tal suporte poderá atuar amenizando os impactos físicos, psicológicos e emocionais desse agravo.

Objetivos: Verificar a associação entre violência física perpetrada por parceiro íntimo (VFP) e os diferentes tipos de apoio social percebido por puérperas. **Metodologia:** Estudo transversal realizado com puérperas da maternidade de baixo risco do município de Cariacica, Espírito Santo. Foram incluídas puérperas com no mínimo 24 horas de pós-parto, de feto vivo e acima de 500 gramas, independente da idade e que tiveram parceiro íntimo na gestação, totalizando uma amostra de 330 mulheres. Para o rastreamento da violência física na vida foi utilizado o instrumento WHO VAW STUDY. Já para a identificação do apoio social, foi utilizada a escala do Medical Outcomes Study. A associação entre as variáveis foi calculada por Regressão de Poisson ajustada por características sociodemográficas, econômicas e comportamentais.

Resultados: A prevalência de alto apoio social do tipo afetivo e do tipo interação social positiva foi 1,08 e 1,07 vezes maior em mulheres que não sofreram VFP, respectivamente. Para o apoio social do tipo emocional foi encontrada prevalência 12% maior nas mulheres que não sofreram VFP. Não foram encontradas associações estatisticamente significativas entre a VFP e os apoios sociais dos tipos material e de informação. **Conclusões:** A análise dos resultados deste estudo nos coloca frente a uma realidade de menor suporte social, principalmente no que se refere ao apoio emocional, em vítimas de VFP. É essencial que os profissionais na assistência conheçam os recursos existentes para orientação e disponibilidade de equipamentos sociais de apoio às puérperas, cientes dos seus benefícios no processo de enfrentamento desse agravo.

Palavras-chave: Apoio Social; Violência por Parceiro Íntimo; Saúde da Mulher; Período Pós-Parto

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO ATENDIMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES ACOMETIDAS PELA VIOLÊNCIA AUTOPROVOCADA

HELENA DOS SANTOS CORTEZINI¹; LINCCON FRICKS HERNANDEZ²

¹Estudante de Graduação. Faculdade América; ²Professor, Psicólogo Mestre em Políticas em Desenvolvimento Local. Faculdade América.

Introdução: A violência é um fenômeno mundial multifacetado que incide sobre todos os seguimentos sociais de maneira distintas, que intensifica-se ao longo dos anos reverberando no agravamento em saúde mental da população. Estudos realizados nos últimos anos apontam que 59% das crianças e adolescentes já sofreram de violência autoprovocada no Brasil. **Objetivos:** Discutir a atuação do psicólogo no atendimento frente aos casos clínicos de violência autoprovocada em crianças e adolescentes no Brasil. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa. Até então foram entrevistados 6 (seis) psicólogos, através de entrevistas semiestruturadas, os quais trabalham no atendimento clínico de crianças e adolescentes. **Resultados:** Como resultados parciais constata-se até o presente momento um aumento na procura por atendimentos clínicos para crianças e adolescentes durante o período de pandemia, a violência autoprovocada aparece como um dos principais sintomas, juntamente com ansiedade, depressão e ideação suicida. **Conclusão:** É possível concluir com o presente estudo, que durante a pandemia do novo coronavírus houve um aumento na procurar de atendimento psicológico. O isolamento e distanciamento social apresentam-se como alavanca para a violência autoprovocada ou ideação suicida. A mudança na rotina cotidiana dos indivíduos ocasiona o surgimento de uma ansiedade, além de potencializar ansiedades já presente em alguns, além dessa, a falta de convivência e relacionamento de forma segura, promove o sentimento depressivo.

Palavras-chave: Violência; Atenção; Criança; Adolescente; Suicídio

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E NEGLIGÊNCIA CONTRA ADOLESCENTES: CARACTERÍSTICAS DAS VÍTMAS

ISAURA BARROS ALVES PINTO¹; MAYARA ALVES LUIS²; FRANCIELE MARABOTTI COSTA LEITE³

¹Estudante de Graduação (UFES); ²Enfermeira, Aluna de Mestrado (UFES); ³Professora, Líder do LAVISA (UFES)

Introdução: A adolescência é uma fase socialmente vista como “problema”, e julgado como um ser somente em desenvolvimento e conflito. Durante essa fase os adolescentes encontram-se vulnerável à violência psicológica e à negligência nos ambientes que estão inseridos, e, principalmente, dentro do lar junto com os próprios familiares. **Objetivo:** Descrever as características dos adolescentes vítimas de violência psicológica e negligência no Espírito Santo entre 2011 e 2018. **Metodologia:** Estudo descritivo realizado com os dados notificados de violências contra adolescentes, com idade entre 10 e 19 anos que foram registrados no Sistema de Informação de Agravos e Notificação (SINAN) entre anos de 2011 e 2018 em todo o estado do Espírito Santo. **Resultados:** Foram analisados 386 casos notificados de violência psicológica e negligência contra adolescentes no Espírito Santo no período de 2011 a 2018. De acordo com as variáveis descritas a maior prevalência de casos de violência psicológica e negligência foi entre o sexo feminino (55,7 %), a faixa etária com o maior número de casos foi de 10 a 14 anos (61,4 %), em relação a raça/cor 77,3% eram indivíduos não brancos, 81,2% não possuíam algum tipo de deficiência e/ou transtorno, 98,4% não possuíam nenhum companheiro e residia em zona urbana. **Conclusão:** Conclui-se que a violência psicológica e negligência contra adolescentes no Espírito Santo ainda é uma situação corriqueira, mesmo com tantas leis que protegem essas vítimas. Logo far-se-á necessário voltar a atenção para esses adolescentes, promovendo ações que viabilizam a proteção.

Palavras-chave: Adolescente; Violência doméstica; Notificação; Negligência

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E NEGLIGÊNCIA CONTRA ADOLESCENTES: CARACTERÍSTICAS DO PERPETRADOR E DA AGRESSÃO

ISAURA BARROS ALVES PINTO¹; MAYARA ALVES LUIS²; FRANCIELE MARABOTTI COSTA LEITE³

¹Estudante de Graduação (UFES); ²Enfermeira, Aluna de Mestrado (UFES); ³Professora, Líder do LAVISA (UFES)

Introdução: A violência psicológica, na maioria das vezes, ocorre através de agressão verbal ou silenciosamente, orquestrada pelo agressor que tem um comportamento de ameaça, rejeição, críticas, discriminação e humilhação, já a negligência, significa desconsiderar, desprezar. O adolescente encontra-se vulnerável a esses descuidos, o que gera impactos no seu desenvolvimento culminando em uma série de transtornos psicológicos. **Objetivo:** Descrever as características do perpetrador e da agressão dos casos notificados de violência psicológica e negligência no Espírito Santo entre 2011 e 2018. **Metodologia:** Estudo descritivo realizado com os dados notificados de violências contra adolescentes, com idade entre 10 e 19 anos que foram registrados no Sistema de Informação de Agravos e Notificação (SINAN) entre anos de 2011 e 2018 em todo o estado do Espírito Santo. **Resultados:** Foram analisadas às características da agressão, a maioria das violências ocorreu na residência (62,9%), 74,6% já havia ocorrido outras vezes, em 61,1% dos casos houve apenas um agressor, 86,1% dos perpetradores tinham mais do que 20 anos, 39,3% eram do sexo masculino, em 63,1% dos casos o agressor era um familiar da vítima, não houve suspeita de agressor alcoolizado na maioria das agressões (68,3%), e em aproximadamente 83,0% dos casos houve encaminhamento. **Conclusão:** Conclui-se que a violência psicológica e negligência contra adolescentes no Espírito Santo é uma problemática pertinente e com contextos em comum, por isso de grande relevância para pesquisa e planejamento de planos de combate contra essas violências.

Palavras-chave: Adolescente; Violência doméstica; Notificação; Negligência

O PAPEL DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

ISLANE LEOPOLDINA DOS SANTOS SILVA¹; IZABELLA MILLENA DO LAGO VALADARES¹; IZAMARA DOS REIS SANTOS¹; ANDREY SANTOS DE JESUS¹; EDNA DOS SANTOS OLIVEIRA¹; CALINE DE ALMEIDA BARBOSA¹; JOSÉ RONALDO RODRIGUES DE DEUS JUNIOR¹; LAYLLA MIRELLA GALVÃO AZEVEDO¹; LUANA DA SILVA GONÇALVES¹; LUCAS EMANUEL DOS SANTOS¹; MILA SILVA CUNHA¹; MIRLA ANIELE FERREIRA MERGULHÃO¹; SARA MICAELLE DOS ANJOS LOPES¹; VITOR BONFIM NUNES MAIA¹; YASMIM DE SANTANA ANDRADE¹; MÁRCIA REGINA DE OLIVEIRA PEDROSO²

¹Discentes da Universidade Federal do Oeste da Bahia; ²Docente da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo.

Introdução: A violência doméstica contra a mulher é definida, no artigo 5 da Lei Maria da Penha, como “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. Nesse sentido, é papel da Atenção Primária à Saúde (APS) reconhecer os sinais e acompanhar as vítimas, oferecendo uma abordagem adequada e um ambiente acolhedor. Ademais, é necessário que as notificações sejam preenchidas, visto que, a violência doméstica apresenta caráter de notificação compulsória, sendo importante a nível epidemiológico. **Objetivo:** Avaliar através de uma revisão integrativa, o atual papel da APS na violência doméstica. **Metodologia:** Revisão integrativa, na qual se fez uso da análise objetiva. Para tanto, foi percorrida uma etapa de busca na Biblioteca Virtual em Saúde, contemplando os seguintes descritores “Papel da Atenção Primária na Violência Doméstica” e “APS e Violência contra a Mulher”, limitando-se a estudos publicados de 2009 a 2019 em território brasileiro, fazendo uso do operador booleano “AND”. **Resultados:** Dos 15 artigos encontrados, apenas quatro atenderam a temática proposta, nos anos de 2009-2019. Durante a análise, foi possível perceber que há um distanciamento entre as vítimas de violência doméstica e a APS, seja por falta de preparo dos profissionais ou pela baixa procura desse serviço pelas vítimas. A isso podemos atribuir o fato de muitas vítimas desconhecerem seus direitos bem como o papel de apoio sócio-psico-emocional que a APS pode oferecer. A isso, acrescenta-se a falta de preparo dos profissionais de saúde para a identificação e manejo dos casos. **Conclusões:** A presente revisão mostrou a necessidade de fortalecimento da APS como importante ferramenta na prevenção e acolhimento dos casos de violência doméstica, indicando que há necessidade de fortalecimento das políticas em saúde referentes a essa temática.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde; Violência Doméstica; Violência Contra a Mulher; Mulheres.

VIOÊNCIA CONTRA MULHER: PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM QUANTO AO ENFRENTAMENTO DESSE FENOMENO

KAMILA DOS SANTOS DE REZENDE¹; ELLEN FELISBERTO BARBOSA¹; MAYARA MAGALHÃES¹; RAFAELA DONDONI SOARES¹; RENATA ALCANTARA WASEM¹; JEREMIAS CAMPOS SIMÕES²

¹Acadêmica de Enfermagem. Centro Universitário Salesiano; ²Professor. Centro Universitário Salesiano.

Introdução: A violência contra mulher apresenta-se como grave problema de saúde pública à medida que pode ter por consequência homicídios, gestações indesejadas, abortos induzidos, problemas ginecológicos e infecções sexualmente transmissíveis. **Objetivos:** conhecer a percepção dos estudantes de Enfermagem quanto à atuação do enfermeiro na identificação dos sinais e sintomas da violência contra a mulher. **Metodologia:** Estudo transversal, de caráter exploratório e descritivo, com abordagem quantitativa. A produção e dados aconteceu de forma online, devido a situação de Pandemia pelo COVID19. O público-alvo foram estudantes de graduação de Enfermagem de uma instituição de ensino superior, localizada no município de Vitória (ES). Para análise de dados utilizado o software Microsoft Office Excel 2016 para tabulação e cálculos das prevalências. A realização da pesquisa aconteceu mediante observação dos trâmites éticos descritos na Resolução de 466/12, sendo aprovada sob o número do parecer: 4.206.687. **Resultados:** Responderam ao questionário 37 estudantes. Os dados socioeconômicos mostram que 72,72% dos participantes apresentam idade entre 18 a 30 anos, são do sexo feminino 72,72%, situação conjugal solteiros 63,63%. Foi evidenciado o conhecimento sobre a importância do profissional Enfermeiro devido o alcance desse na identificação dos sinais e sintomas deixados pela violência e a realização da notificação compulsória. Evidenciou-se também percepção positiva acerca das ferramentas do cuidar de Enfermagem utilizadas para identificação dos sinais e sintomas da violência contra mulher. Entretanto, apesar disso, eles se mostraram divididos quanto à notificação compulsória, não sabendo exatamente qual a sua finalidade. **Conclusão:** Os estudantes de Enfermagem reconhecem a importância da assistência prestada pelo enfermeiro às mulheres que sofrem algum tipo de violência. Recomenda-se que os estudantes tenham contato com a temática Violência durante a graduação, de forma a contribuir crítica e reflexivamente quanto as possibilidades do uso das ferramentas do cuidar em Enfermagem.

Palavras-chave: Violência; Violência Contra a Mulher; Enfermagem; Educação em Enfermagem

FATORES ASSOCIADOS À VIOLÊNCIA DE REPETIÇÃO CONTRA ADOLESCENTES NO ESPÍRITO SANTO

JOSÉ HENRIQUE ILTCHENCO FILHO¹; 2 - MAYARA ALVES LUIZ²; FABIO LÚCIO TAVARES³; FRANCIÉLE MARABOTTI COSTA LEITE⁴

¹Estudante da Graduação de Enfermagem. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); ²Aluna de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); ³Professor Doutor. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES);

⁴Professora Doutora. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Introdução: A violência é um fenômeno complexo, não sendo explicada através de uma única teoria de causa e efeito. Perpassa todos os ciclos de vida, sendo uma das principais causas de mortalidade e morbidade entre adolescentes em todo mundo. As suas consequências são ainda mais complexas quando se repetem ao longo da vida. **Objetivo:** Verificar a associação entre a violência de repetição contra adolescentes com as características das vítimas, da agressão e do agressor no Espírito Santo entre 2011 e 2018. **Metodologia:** Estudo analítico, transversal, realizado com os dados notificados de violências contra adolescentes, com idade entre 10 e 19 anos, produzidos pela Vigilância Epidemiológica e registrados no Sistema de Informação de Agravos e Notificação (SINAN), entre anos de 2011 e 2018 em todo o estado do Espírito Santo. **Resultados e Conclusões:** Após as análises ajustadas, a prevalência de violência de repetição foi 26,0% maior no sexo feminino do que no masculino (IC 95%: 1,15–1,38); 20,0% maior entre os adolescentes de 10 a 14 anos (IC 95%: 1,13–1,28); e 52,0% mais prevalente entre aqueles com deficiência/transtorno (IC 95%: 1,42–1,62). Quanto às agressões, nota-se que outros tipos de violência e as violências psicológica/negligência apresentaram, respectivamente, 57,0% e 30,0% maiores prevalências de repetição quando comparadas à violência autoprovocada (IC 95%: 1,09–2,25; 1,11–1,52). A prevalência do desfecho foi 1,56 vezes maior nas residências e 0,75 vezes menor em via pública (IC 95%: 1,37–1,77 e 0,62–0,89), e 37,0% (IC 95%: 1,20–1,57) maior quando cometida por agressores de ambos os sexos. Através destes resultados, foi possível conhecer os fatores associados à violência de repetição bem como a indispensabilidade de serviços de proteção e de seguridade dos direitos aos adolescentes.

Palavras-chave: Sistemas de Informação em Saúde; Violência; Adolescência

CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE REPETIÇÃO CONTRA ADOLESCENTES NO ESPÍRITO

JOSÉ HENRIQUE ILTCHENCO FILHO¹; 2 - MAYARA ALVES LUIZ²; FABIO LÚCIO TAVARES³; FRANCIÉLE MARABOTTI COSTA LEITE⁴

¹Estudante da Graduação de Enfermagem. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); ²Aluna de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); ³Professor Doutor. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); ⁴Professora Doutora. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Introdução: A adolescência é um período de grande vulnerabilidade na qual os adolescentes são vítimas de vários tipos de violência, e uma maior atenção é necessária para aquelas que já foram submetidas mais de uma vez às agressões. Essas ocorrências contribuem para a perpetuação de um ciclo de sofrimento e traumas profundos ao longo da vida. **Objetivo:** Descrever as características dos agressores, das agressões e dos adolescentes vítimas de violência de repetição no Espírito Santo entre 2011 e 2018. **Metodologia:** Estudo analítico, transversal, realizado com os dados notificados de violências contra adolescentes, com idade entre 10 e 19 anos, produzidos pela Vigilância Epidemiológica e registrados no Sistema de Informação de Agravos e Notificação (SINAN), entre anos de 2011 e 2018 em todo o estado do Espírito Santo. **Resultados e Conclusões:** Em relação às características da vítima, a violência de repetição foi mais prevalente em adolescentes do sexo feminino (78,3%), na faixa etária dos 15 aos 19 anos (52,5%), de raça/cor não branca (72%), ausentes de deficiência/transtorno (80,7%), sem companheiro (91%), e tendo a zona urbana como local de residência (90,7%). Sobre as agressões, a residência das vítimas foi o local de maior ocorrência da violência de repetição (79,3%), e ainda, a violência física foi o tipo de violência mais recorrente (34%). Sobre o perfil dos agressores, observou-se uma maior frequência da prática desses abusos por uma única pessoa (86,3%), principalmente do sexo masculino (57,8%), em 48% dos casos o agressor era familiar da vítima e 76,5% não haviam consumido álcool antes da agressão. A partir desses resultados, foi possível conhecer as características das vítimas, das agressões e dos agressores dos casos notificados como violência de repetição, e ressalta-se também, a importância do Sistema de Notificação VIVA na detecção desses casos.

Palavras-chave: Sistemas de Informação em Saúde; Violência; Adolescência

CONDUTAS AUTOLESIVAS E FATORES DE RISCO EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

JOSE RONALDO RODRIGUES DE DEUS JUNIOR¹; CALINE DE ALMEIDA BARBOSA¹; MILA SILVA CUNHA¹; ANDREY SANTOS DE JESUS¹; EDNA DOS SANTOS OLIVEIRA¹; ISALNE LEOPOLDINA DOS SANTOS SILVA¹; IZABELLA MILLENA DO LAGO VALADARES¹; IZAMARA DOS REIS SANTOS¹; LAYLLA MIRELLA GALVÃO AZEVEDO¹; LUANA DA SILVA GONÇALVES¹; LUCAS EMANUEL DOS SANTOS¹; MIRLA ANIELE FERREIRA MERGULHÃO¹; SARA MICAELLE DOS ANJOS LOPES¹; VITOR BONFIM NUNES MAIA¹; YASMIM DE SANTANA ANDRADE¹; MÁRCIA REGINA DE OLIVEIRA PEDROSO²

¹Discente, Universidade Federal do Oeste da Bahia; ²Docente, Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Introdução. As condutas autolesivas se caracterizam pela produção de lesões intencionais no próprio corpo, através de diversos mecanismos como bater a cabeça contra a parede, queimaduras e cortes com instrumentos pontiagudos ou perfurocortantes, sendo comuns em pulsos, braços, mãos, coxas e abdome. Estas podem ser acompanhadas ou não de intenção suicida. Contudo, se forem frequentes, podem desencadear ou potencializar o desejo de morrer. Além disso, a autolesão é um problema de saúde pública e ocorre sobretudo na adolescência, fase do desenvolvimento marcada por diversas transições corporais e psíquicas. **Objetivos.** O presente trabalho objetiva reunir achados teóricos sobre condutas autolesivas e fatores de risco em adolescentes. **Metodologia.** Foi realizada uma análise teórico-sistematizada baseada em pesquisas de âmbito nacional e internacional, que investigaram comportamentos autolesivos em adolescentes, acompanhados ou não por ideação suicida, e os fatores associados a essa prática. Foram utilizados 13 estudos, encontrados nas seguintes plataformas: Biblioteca Virtual em Saúde, Google Acadêmico, PubMed, Scielo e Science Direct. **Resultados.** De acordo com a revisão dos artigos supracitados, ressaltam-se como fatores de riscos para promoção da autolesão em adolescentes: histórico de bullying, depressão, ansiedade, insônia, alexitimia, traumas, abusos físicos e sexuais, conflitos familiares, déficits hormonais e uso de substâncias como álcool e outras drogas. Em relação à prevalência, um estudo europeu e outro nacional indicaram, respectivamente, 15,6% e 23% de prevalência de autolesões em adolescentes. Além disso, foi observada uma tendência a autolesões mais graves em indivíduos do sexo masculino, apesar de existirem divergências quanto à frequência entre gêneros. **Conclusões.** Na presente revisão constatou-se uma prevalência significativa de condutas autolesivas entre adolescentes, assim como fatores de risco socioambientais e biológicos capazes de desencadear esse comportamento, subsidiando a compreensão deste fenômeno e a elaboração de estratégias para diagnóstico e intervenções precoces e mais eficazes.

Palavras-chave: Adolescente; Comportamento Autodestrutivo; Violência; Fatores de Risco

RELATO DE EXPERIÊNCIA: ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NO PROGRAMA DE ATENDIMENTO ÀS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL-PAVIVIS

KARINA FARDIN FIOROTTI¹; FRANCIELE MARABOTTI COSTA LEITE²

¹Enfermeira e mestre. Universidade Federal do Espírito Santo; ²Professora e doutora. Universidade Federal do Espírito Santo.

Introdução: Segundo a Organização Mundial da Saúde, entende-se por violência sexual qualquer ato sexual ou tentativa, comentário ou insinuação sexual não desejados, tráfico contra a sexualidade de uma pessoa usando coerção, independente do vínculo com a vítima, em qualquer contexto, mas não limitado à penetração da vagina ou ânus com o pênis, outra parte do corpo ou objeto. O PAVIVIS – Programa de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual teve seu início em outubro de 1998 enquanto projeto de extensão da Universidade Federal do Espírito Santo vinculado ao departamento de Ginecologia e Obstetrícia, contando com a parceria de diversas instituições e a composição de diferentes profissionais de saúde ao longo desses anos. **Objetivos:** Relato de experiência sobre as ações de assistência do enfermeiro nos casos de violência sexual, enquanto integrante da equipe multiprofissional, integrando a assistência e o ensino na discussão da temática. **Metodologia:** Atualmente o programa atende adolescentes e adultos que chegam por meio de demanda espontânea ou encaminhamentos da rede de atenção. O serviço conta com enfermeira, assistente social e psicólogo próprios, bem como médicos ginecologistas da universidade. São oferecidos atendimentos ambulatoriais com a equipe multiprofissional, pré-natal especializado, exames para rastreio de infecções sexualmente transmissíveis e encaminhamentos para interrupção legal da gestação e parto nos casos gravidez resultante de violência. **Resultados:** Em 2019 foram acolhidas 101 pessoas no PAVIVIS. Destas, 16 tinham 14 anos ou menos, 22 tinham entre 15 e 18 anos e 63 pessoas tinham de 19 anos ou mais. Apenas 3 eram do sexo masculino. **Conclusões:** Entre os tipos de violências, a violência sexual destaca-se pela crueldade e permanência, atravessando a história, ganhando dimensões de epidemia global, atingindo principalmente mulheres, crianças e adolescentes. A ampliação da rede de atenção e o fomento de políticas públicas de enfrentamento são essenciais para mudarmos este cenário.

Palavras-chave: Enfermagem; Equipe Multiprofissional; Violência Sexual

VULNERABILIDADE DA MULHER: ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS DA GRAVIDEZ DECORRENTE DA VIOLÊNCIA SEXUAL

KEROLAYNE LOPES DA COSTA¹; JOSIELTON ALBERTO SANTOS IBIAPINA²

¹Enfermeira. Secretária Municipal de Saúde-Campo Maior-Piauí. Especialista em Saúde Pública e da Comunidade. Universidade Federal do Piauí- UFPI; ²Advogado. Estudante de Pós-Graduação em Direito Constitucional. Escola Superior de Advocacia do Piauí.

Introdução: A violência sexual constitui um sério problema de saúde pública por ser uma das principais causas de morbidade e mortalidade feminina. Acomete mulheres de todas as idades, de diferentes níveis econômicos e sociais, em espaço público ou privado e em qualquer fase de sua vida. A gestação indesejada ou forçada é encarada como uma segunda violência. **Objetivo:** Abordar de acordo com a literatura os aspectos éticos e legais da gravidez decorrente da violência sexual. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que utilizou artigos científicos disponíveis nas bases de dados LILACS e SciELO, realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2020, utilizando os descritores: Violência sexual, gravidez e ética. **Resultados:** É direito dessas mulheres e adolescentes serem informadas da possibilidade de interrupção da gravidez, conforme Decreto-Lei 2848, de 07 de dezembro de 1940, artigo 128, inciso II do Código Penal brasileiro. Da mesma forma e com mesma ênfase, devem ser esclarecidas do direito e da possibilidade de manterem a gestação até o seu término. Caso a mulher opte pela interrupção, ela deverá ser esclarecida sobre os procedimentos técnicos que serão adotados, sobre as medidas para alívio da dor, tempo do procedimento, período de internação, segurança do procedimento e possíveis riscos envolvidos. De acordo com a PortariaMS/GM nº 1.508, do Ministério da Saúde, a interrupção ocorrerá segundo procedimentos de justificação e autorização previstos no Sistema Único de Saúde, sendo o método utilizado baseado de acordo com o número de semanas de idade gestacional. **Conclusão:** Um acolhimento de qualidade é de fundamental importância para a mulher que se encontra em tal situação, devendo-se respeitar sua autonomia e contribuindo para sua reestruturação emocional e social, através de atitudes que garantam credibilidade e levem em consideração a situação de violência.

Palavras-chave: Gravidez; Enfermagem; Violência Sexual

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS NO ESTADO DO PIAUÍ NO PERÍODO DE 2014-2017

KEROLAYNE LOPES DA COSTA¹; PACIFICO NETO DA COSTA²

¹Enfermeira. Secretária Municipal de Saúde- Campo Maior-Piauí. Especialista em Saúde Pública e Comunidade. Universidade Federal do Piauí-UFPI; ²Estudante do Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Universidade Federal do Piauí-UFPI.

Introdução: O Ministério da Saúde brasileiro por meio da portaria n° 2.472 de 31 de agosto 2010 incluiu os acidentes com animais peçonhentos como parte da Lista de agravos de Notificação Compulsória em território nacional devido ao alto número de casos previamente notificados por meio do Sistema Nacional de Notificações e Agravos-SINAN, tornando este tema como de fundamental importância epidemiológica para o Brasil. **Objetivo:** Avaliar os aspectos epidemiológicos e clínicos dos acidentes com animais peçonhentos no estado do Piauí no período de 2014 a 2018. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo e retrospectivo analisando a base de dados on-line do Sistema de Informação de Agravos de Notificação-SINAN do Ministério da Saúde. Realizou-se um estudo de modo transversal descritivo, retrospectivo, clínico e epidemiológico dos acidentes por animais peçonhentos notificados entre janeiro de 2014 a dezembro de 2017. **Resultados:** Durante os anos analisados foram notificados 11.058 casos, os acidentes ocorreram de maneira predominante na população masculina, sendo o principal causador o escorpião, correspondendo a 72 % das notificações, sendo também o mais letal, com o pico de 7 óbitos em 2016. **Considerações Finais:** O presente estudo apresentou uma significativa contribuição para a literatura relacionada a acidentes peçonhentos, visto que as poucas produções existentes possuem abrangência nacional, dificultando a identificação das particularidades de cada região. Percebe-se então a necessidade de novos estudos para que haja confronto dos resultados até então apresentados visando contribuir para o levantamento do quadro epidemiológico estadual.

Palavras-chave: Animais Peçonhentos; Epidemiologia; Sistemas de Informação em Saúde

INTEGRAÇÃO ENTRE ESCOLAS PRIMÁRIAS E ACADÊMICOS DE MEDICINA NO COMBATE AO ABUSO SEXUAL INFANTIL NO OESTE DA BAHIA

LAYLLA MIRELLA GALVÃO AZEVÊDO¹; FERNANDA TOURINHO PINTO FERRAZ¹; PAMELA LORRANE RIBEIRO DA SILVA¹; MAURÍCIO JOSÉ GRAIA NEPOMUCENO¹; FERNANDA REBOUÇAS PEREIRA¹; SARAH JENNIFER LEMOS MACHADO¹; ANNA CAROLINNA CEZAR DOS SANTOS MENDES¹; LARISSA NUNES DOS SANTOS ROCHA¹; VICTOR ALMEIDA CUNHA DA ROCHA¹; CATIANA PINTO DOS SANTOS¹; IGOR DE OLIVEIRA SOUZA¹; JÉSSICA DOURADO PIRES BASTOS¹; VITÓRIA NEIVA BASTOS MAIA¹; BEATRIZ NEIVA BASTOS MAIA¹; CAMILA KELEN FERREIRA PAIXÃO¹; LÍDIA DIAS DE ANDRADE¹; FELIPE LUSTOSA BURTON¹; PAMELLA FERNANDES FRANÇA DAS GRAÇAS¹; ANNA PAULA RODRIGUES DE ALCÂNTARA¹; DERIK DAMASCENO BARBOSA¹; ELLEN RAISSA COELHO RIOS¹; LUANA DA SILVA TEIXEIRA¹; LAILA DA CRUZ RAMALHO²; JOÃO MAURÍCIO MOREIRA ARAÚJO²

¹Acadêmicos de Medicina da Universidade Federal do Oeste da Bahia; ²Médico Pediatra e Docente da Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Introdução: O abuso sexual infantil é um importante problema de saúde pública, que compromete o desenvolvimento e o bem estar das vítimas. Estima-se que 95% dos casos ocorram no contexto da violência doméstica, o que justifica a busca por suporte fora do ambiente familiar. Dada a acessibilidade às crianças e adolescentes, capacitar educadores de escolas primárias auxilia na detecção precoce e prevenção desta condição. **Objetivos:** Relatar a experiência de discentes na capacitação de educadores das escolas primárias de Barreiras-BA no manejo do abuso sexual infantil, fomentando estratégias assertivas de diálogo com crianças e adolescentes. **Metodologia:** Trata-se de um projeto de extensão da Universidade Federal do Oeste da Bahia, em parceria com escolas primárias públicas e privadas da cidade. Foram ofertadas aos educadores palestras de conscientização e detecção dos possíveis sinais e sintomas apresentados pelas vítimas, além de condutas a serem adotadas em casos suspeitos. Quanto aos alunos, houve abordagens condizentes às faixas etárias, como teatro de fantoches e vídeos interativos, com enfoque no reconhecimento do corpo, limites do contato físico, prováveis estratégias do abusador e como pedir ajuda. Foram disponibilizados materiais informativos para familiares, que também foram convidados a participar do momento. **Resultados:** Houve feedbacks positivos dos educadores e responsáveis, reconhecendo a importância da temática e a necessidade da capacitação para tais situações. Os estudantes também tiveram excelente interação nesse processo, trazendo ludicidade para um assunto sério. Para os organizadores, agir no enfrentamento e prevenção dessa violência estimulou princípios fundamentais do serviço em saúde, como a responsabilidade social e o trabalho em equipe. Esta iniciativa foi reconhecida pela Sociedade Baiana de Pediatria. **Conclusões:** O diálogo com crianças e adolescentes representa um avanço em um assunto ainda cercado de tabus. As escolas apresentam grande potencial, nesse sentido, devendo ser explorado. O estímulo a esses projetos pode fomentar a proteção infanto-juvenil.

Palavras-chave: Abuso Sexual na Infância; Capacitação de Professores; Educação Sexual; Responsabilidade Social.

SALA DE ESPERA COMO ESPAÇO DE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO.

LUANA DA SILVA GONÇALVES¹; SARA MICAELLE DOS ANJOS LOPES¹; YASMIM DE SANTANA ANDRADE¹; ANDREY SANTOS DE JESUS¹; CALINE DE ALMEIDA BARBOSA¹; EDNA DOS SANTOS OLIVEIRA¹; ISLANE LEOPOLDINA DOS SANTOS SILVA¹; IZABELLA MILLENA DO LAGO VALADARES¹; IZAMARA DOS REIS SANTOS¹; JOSÉ RONALDO RODRIGUES DE DEUS JUNIOR¹; LAYLLA MIRELLA GALVÃO AZEVEDO¹; LUCAS EMANUEL DOS SANTOS¹; MILA SILVA CUNHA¹; MIRLA ANIELE FERREIRA MERGULHÃO¹; VITOR BONFIM NUNES MAIA¹; MARCIA REGINA DE OLIVEIRA PEDROSO²

¹Estudante de graduação. Universidade Federal do Oeste da Bahia; ²Docente da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo.

Introdução: Segundo a Organização Mundial de Saúde, o suicídio representa a 13^a causa de mortalidade mundial, caracterizando-se como um problema de saúde pública. Assim, é imprescindível a implementação de programas que conscientizem sobre a identificação precoce dos sinais, sendo a Atenção Primária à Saúde uma importante aliada e a sala de espera um espaço que potencializa as discussões, possibilitando o diálogo entre população e profissionais de saúde. **Objetivos:** Relatar a experiência de desenvolvimento de uma sala de espera sobre prevenção ao suicídio em uma Unidade de Saúde da Família (USF) de Barreiras-BA. **Metodologia:** A atividade foi realizada em setembro de 2019, pelos participantes do PET-Saúde Interprofissionalidade, em uma USF. Inicialmente foram entregues papel e caneta aos usuários para que escrevessem como se sentiam naquele momento. Em seguida, foi realizada discussão sobre o Setembro Amarelo e a prevenção ao suicídio. Ao final, foram entregues frases de incentivo à vida. No momento da leitura, os usuários explicaram o que haviam respondido, debatendo sobre os sentimentos e problemas enfrentados. **Resultados:** A atividade em grupo ofereceu aporte social para maior bem-estar dos indivíduos com risco de suicídio. A escuta qualificada é importante na prevenção e acolhimento ao indivíduo com ideação suicida, uma vez que este é um problema que gera julgamentos, dificultando mais ainda a busca de cuidado. Ao distribuir as frases, os usuários ficaram entusiasmados, estimulando a valorização da vida e a promoção da saúde mental, prevenindo o suicídio e garantindo qualidade de vida. Ao mesmo tempo em que a atividade em grupo pareceu encorajar os participantes, também levou à reflexão sobre o outro, como um exercício de empatia. **Conclusão:** Ao final, percebeu-se que a escuta qualificada é sempre a melhor ferramenta para a prevenção e acolhimento ao indivíduo com ideação suicida, devendo essa ser sempre reforçada e estar ao alcance dos usuários.

Palavras-chave: Suicídio; Sala de Espera; Prevenção; Acolhimento; Educação em Saúde

BATE-SE EM UMA MULHER: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

GLAUCIANE APARECIDA RIBEIRO PEREIRA¹; JÚLIA OLIVEIRA BALESTRASSI FERRY-PARKER²; LUÍSA NASCIMENTO NOGUEIRA CAMPOS FROÉS³

¹Estudante de Pós Graduação. Universidade Federal do Sul da Bahia; ²Psicóloga. Clínica Particular; ³Estudante de Pós Graduação. Universidade Veiga de Almeida.

O presente trabalho busca entender e refletir, sob à luz da teoria psicanalítica, os desdobramentos em torno da violência doméstica por parceiro íntimo. Em um primeiro momento, as autoras recorrem ao sociólogo Bourdieu para trabalhar a ideia de violência simbólica que está enraizada na cultura dominante, que é primordialmente patriarcal e masculina. Eis a pergunta: como pode uma violência não ser visível e mesmo assim tão traumática e excludente? Observa-se, com o advento da pandemia COVID-19, o aumento significativo da violência doméstica e principalmente sua forma mais bruta e letal, o feminicídio. Constatamos ainda a relevância do tema diante da preocupação da ONU com o aumento das tensões e conflitos nas relações conjugais, principalmente porque o isolamento social aumentou os riscos de violência contra as mulheres. Há menor circulação de pessoas nas ruas, menos contato com parentes e vizinhos por conta do risco de contaminação, portanto, muitas mulheres estão em casa com os agressores e limitadas de pedirem ajuda. Este artigo consta de uma revisão bibliográfica se utilizando de contribuições teóricas de Sigmund Freud e Jacques Lacan. O trauma da castração é uma forma de compreender e elucidar os mecanismos psíquicos envolvidos em muitos atos violentos. Violências essas, que podem ter seus desdobramentos em distorções psíquicas que contribuem para o homem, sujeito da ação violenta, dar vazão à sua agressividade. Sob essa perspectiva do agressor, buscamos articulações teóricas entre essas práticas culturais existentes com a psicanálise. Em contraponto, no panorama das mulheres, se pode encontrar a conjuntura de violência articulada para a materialização dos vínculos afetivos e sua socialização com o meio, a fim de atravessar as condições psíquicas responsáveis pela simbolização e pelo controle das forças pulsionais. Assim, destrincharemos os elementos dessa potência traumática que sua gênese é a devastação subjetiva, que primitivamente está vinculada à relação “mãe-filha”/ “mãe-e-bebê”.

Palavras-chave: Violência Doméstica; Psicanálise; Angústia de Castração; Violência Contra a Mulher

VIOLÊNCIA AUTOPROVOCADA NA INFÂNCIA: ANÁLISE DOS CASOS NOTIFICADOS NO ESPÍRITO SANTO

MÁRCIA REGINA DE OLIVEIRA PEDROSO¹; FRANCIÉLE MARABOTTI COSTA LEITE²

¹Nutricionista. Mestre. Centro das Ciências Biológicas e da Saúde. Universidade Federal do Oeste da Bahia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo; ²Enfermeira. Doutora. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Espírito Santo.

Introdução: A violência contra a criança tem alcançado números expressivos a nível mundial, inclusive aquela autoprovocada. Estudo realizado no Brasil demonstrou uma prevalência de 2,9% deste agravo na infância, demonstrando a necessidade de estudos que subsidiem a compreensão deste fenômeno. **Objetivos:** Identificar a frequência de casos notificados de violência autoprovocada na infância e descrever seus fatores associados. **Metodologia:** Estudo descritivo onde foram analisados os casos de violência autoprovocada em crianças de 0 a 9 anos registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do Espírito Santo, entre os anos de 2011 a 2018. Foram calculadas as frequências relativas e absolutas do desfecho e das variáveis relacionadas às características da vítima e da agressão, através do software Stata 14.1. **Resultados:** A frequência de casos notificados de violência autoprovocada na infância foi 1,2% (37 casos). Esta ocorreu principalmente no sexo masculino, na faixa etária de 6 a 9 anos, em crianças não brancas, sem deficiências/transtornos e residentes da zona urbana. O evento ocorreu com maior frequência no ambiente doméstico, no turno da manhã e em zona urbana. Ele se caracteriza por não ser de repetição e o envenenamento/intoxicação foi o meio mais utilizado. **Conclusões:** A violência autoprovocada é um agravo que também é encontrado no público infantil, o que destaca a necessidade de atenção pelos profissionais de saúde para a identificação de sinais indicativos a fim de proteger as crianças e fornecer um cuidado integral.

Palavras-chave: Maus-tratos infantis; Violência; Criança; Exposição à violência; Violência doméstica.

ANÁLISE DOS CASOS NOTIFICADOS DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA CRIANÇAS NO ESPÍRITO SANTO

MÁRCIA REGINA DE OLIVEIRA PEDROSO¹; FRANCIÉLE MARABOTTI COSTA LEITE²

¹Nutricionista. Mestre. Centro das Ciências Biológicas e da Saúde. Universidade Federal do Oeste da Bahia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo; ²Enfermeira. Doutora. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal do Espírito Santo.

Introdução: A violência psicológica se caracteriza como toda ação ou omissão que cause danos à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Por ser uma violência que não deixa marcas físicas, ela é de difícil identificação, principalmente no público infantil, sendo que muitas vezes não é entendida como um ato violento pela vítima e pelos agressores. Diante disso, destaca-se a importância da realização de estudos que contribuam para a compreensão da sua ocorrência.

Objetivos: Descrever a frequência e os fatores associados à violência psicológica contra crianças a partir dos casos notificados no Espírito Santo no período de 2011 a 2018. **Metodologia:** Foram analisados os casos de violência psicológica contra crianças de 0 a 9 anos, notificados no Sistema de Agravos de Notificação do Espírito Santo entre 2011 e 2018. Foram calculadas frequências relativas e absolutas do desfecho e das características da vítima, do agressor e da agressão. Todas as análises foram realizadas no Stata 14.1. **Resultados:** A frequência de casos notificados de violência psicológica na infância foi 1,6% (50 casos). Destes, 46% foram no sexo masculino e 54% no feminino. Ela ocorreu principalmente nas crianças de 6 a 9 anos, de raça/etnia não branca, sem deficiências/transtornos e residentes da zona urbana. Com relação às características do agressor foi mais frequente aqueles com 20 anos ou mais, do sexo masculino, que não haviam feito uso de álcool e tinham vínculo paterno/materno com a vítima. A violência envolveu principalmente um agressor, ocorreu na residência, na zona urbana e foi de repetição. O encaminhamento foi realizado em 94% dos casos. **Conclusões:** O conhecimento da magnitude e das características da violência psicológica contra a criança é essencial para tirá-la da invisibilidade e para subsidiar a elaboração de políticas públicas de proteção à infância, prevenindo os danos à médio e longo prazo.

Palavras-chave: Maus-tratos infantis; Violência; Criança; Exposição à violência; Violência doméstica.

ANÁLISE ESPACIAL DOS CASOS NOTIFICADOS DE VIOLÊNCIA CONTRA ADOLESCENTES NO ESPÍRITO SANTO

MAYARA ALVES LUIS¹; NATALY ADRIANA JIMENEZ MONRÓY²; LUCIANA GRAZIELA DE GODOI²; EDLEUSA CUPERTINO³; SOLANGE DRUMOND LANNA⁴; FRANCIÉLE MARABOTTI COSTA LEITE²

¹Mestranda em Saúde Coletiva. UFES; ²Professora. UFES; ³Pedagoga. Secretaria Estadual de Saúde; ⁴Enfermeira. Secretaria Municipal de Saúde de Vitória

Introdução: A adolescência é um período de transição entre a infância e a vida adulta, que segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), tem início aos 10 anos e finaliza aos 19 anos. É durante esse período que aumenta a exposição à violência, sendo ela uma das principais causas de morbidade e mortalidade entre os jovens de todo o mundo. Políticas públicas e leis foram criadas para a notificação compulsória dos casos de violência contra adolescentes em todo território brasileiro. **Objetivos:** Verificar a distribuição espacial dos casos notificados de violência contra adolescentes nas microrregiões do Espírito Santo. **Resultados:** De acordo com os resultados, as regiões administrativas com maior número de casos notificados foram a Metropolitana (5726), seguida pela região Rio Doce (728), e a Centro-Oeste (456). Quanto aos tipos de violência notificados por microrregião, observa-se que a violência física foi a mais prevalente nas 10 microrregiões, variando de 39,5% a 66,5%, a segunda violência mais notificada foi a autoprovocada, variando de 19,7% a 33,5%, com exceção da região nordeste, em que a segunda violência mais notificada foi a sexual. A notificação de violência sexual foi a terceira mais prevalente, variando de 8,4% a 35,8%. **Conclusão:** Observou-se uma grande diferença entre a quantidade de casos notificados da região Metropolitana em comparação às outras, o que pode sugerir maior subnotificação nessas regiões. Cabe ressaltar que esses números não expressam o número de casos de violência na população, mas apenas o número de casos notificados. Portanto, reforça-se a necessidade do desenvolvimento de atividades que capacitem profissionais de saúde para reconhecer e notificar os casos de violência, não somente nos grandes centros, mas também no interior do estado do Espírito Santo.

Palavras-chave: Sistemas de Informação em Saúde; Violência; Adolescência

IDEAÇÃO SUICIDA E INFLUÊNCIA DA PANDEMIA DO COVID-19

MIRLA ANIELE FERREIRA MERGULHÃO¹; VITOR BONFIM NUNES MAIA¹; EDNA DOS SANTOS OLIVEIRA¹; ANDREY SANTOS DE JESUS¹; CALINE DE ALMEIDA BARBOSA¹; ISLANE LEOPOLDINA DOS SANTOS SILVA¹; IZABELLA MILLENA DO LAGO VALADARES¹; IZAMARA DOS REIS SANTOS¹; JOSÉ RONALDO RODRIGUES DE DEUS JUNIOR¹; LAYLLA MIRELLA GALVÃO AZEVEDO¹; LUANA DA SILVA GONÇALVES¹; LUCAS EMANUEL DOS SANTOS¹; MILA SILVA CUNHA¹; SARA MICAELLE DOS ANJOS LOPES¹; YASMIM DE SANTANA ANDRADE¹; MÁRCIA REGINA DE OLIVEIRA PEDROSO²

¹Estudante de graduação Universidade Federal do Oeste da Bahia; ²Docente da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo.

Introdução: A pandemia de Covid-19 está sendo desafiadora no âmbito da medicina de doenças infecciosas e, também, nos cuidados com a saúde mental. Nesse momento de isolamento social, o medo, as incertezas e dificuldades econômicas contribuíram para desenvolver ou agravar os transtornos psiquiátricos, principalmente nos grupos mais vulneráveis como os jovens adultos, profissionais de saúde e indivíduos com ansiedade e/ou depressão. **Objetivo:** Investigar a relação entre as medidas preventivas contra o coronavírus e suas consequências para a saúde mental. **Metodologia:** Trata-se de uma revisão de literatura realizada por meio de buscas de artigos no Google Acadêmico utilizando como palavras-chave: pandemic Covid-19 e suicidal ideation. Foram encontrados o total de seis artigos e, após a leitura dos resumos, foram selecionados quatro que se enquadravam no objetivo do trabalho. **Resultados:** O isolamento social como medida preventiva contra o Covid-19 modificou a rotina de milhares de pessoas e com isso exacerbou o estresse, ansiedade, consumo de álcool e alguns tipos de violência, inclusive a autoprovocada. Em virtude disso, a pandemia desenvolveu sentimentos de medo, incertezas e vulnerabilidade, bem como, levou a instabilidade econômica e conseqüentemente o aumento da depressão e do suicídio. A taxa de pensamentos suicidas e, também, da realização do ato dobraram em comparação ao mesmo período do ano passado. **Conclusão:** Diante do exposto, é possível deduzir que o isolamento/distanciamento social tem implicações negativas na saúde mental estando relacionado ao índice elevado de suicídio, principalmente em grupos vulneráveis. Portanto, é importante que sejam desenvolvidas estratégias de prevenção, como educação em saúde sobre ideação suicida para os grupos de maior risco identificados.

Palavras-chave: Ideação suicida; Pandemia; Covid-19

GRUPO TERAPÊUTICO DE MULHERES NA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DO ALAGOANO E A ORGANIZAÇÃO DO COLETIVO DE MULHERES UNIDAS DE CARATOÍRA – MUCA

PAOLA DANIELLY ULIANA PETERLE¹; KEITY MIYUKI MOREIRA OKAMOTO²

¹Psicóloga. Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Vitória; ²Fonoaudióloga. Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Vitória

Introdução: Segundo a Vigilância em Saúde de Vitória, 73,4% das notificações de violências interpessoais/autoprovocadas dos residentes em 2019, foram de mulheres e 64,3% mulheres negras. Efeitos desse agravo trazem consequências na relação das mulheres consigo e com o mundo e configura um grave problema de saúde pública. Porém, a lógica territorial da Atenção Primária em Saúde, mostra-se estratégica no enfrentamento das violências. **Objetivo:** Apresentar a experiência do Grupo Terapêutico de Mulheres na Unidade Básica de Saúde – UBS Alagoano como mecanismo de cuidado, prevenção e organização do Coletivo MUCA. **Metodologia:** As reuniões do “grupo terapêutico” de mulheres iniciaram em 2016 com encontros semanais, média de 10 participantes e rotatividade entre elas. Funcionou de forma co-gestiva, acolhimento aberto, oficinas temáticas e ações de intervenção na comunidade, facilitadas pela psicóloga e fonoaudióloga da UBS. **Resultados:** As participantes assumiram protagonismo no grupo, fortalecendo as lutas para a transformação da realidade local. Os efeitos da organização das mulheres demonstram a potência desse instrumento de enfrentamento à violência numa sociedade hegemonicamente sexista, racista e patriarcal. Ao compartilharem suas experiências e perceberem a produção social da violência, as mulheres identificavam forças criativas resistentes à opressão, desnaturalizavam sentimentos de culpa associados a princípios religiosos, promovendo saúde. O grupo ganhou visibilidade nas mídias e comunidade e conta com representante no Conselho Local de Saúde. No contexto da pandemia de Covid-19, as ações do MUCA de arrecadação e distribuição de cestas básicas, materiais de higiene e limpeza e orientações quanto à prevenção, ganharam maior reconhecimento da comunidade. **Conclusões:** A necessidade de mobilização e fortalecimento de espaços coletivos comunitários que dialoguem com enfrentamento da violência contra as mulheres, une-se ao lugar estratégico ocupado pela Unidade Básica de Saúde, referência territorial e possibilidade de cuidado ético-político no SUS para uma ampliação das estratégias de cuidados associadas à universalização dos direitos em saúde.

Palavras-chave: Violência; Mulheres; Saúde; Cuidado

VIVÊNCIA DE VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO AO LONGO DA VIDA E AS CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS: ESTUDO EM UM SETOR DE GINECOLOGIA

JOYCE FERREIRA REIS¹; RANIELLE DE PAULA SILVA²; FRANCIÉLE MARABOTTI COSTA LEITE³

¹Estudante da graduação. Departamento de Enfermagem. Universidade Federal do Espírito Santo; ²Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo; ³Enfermeira. Doutora. Departamento de Enfermagem. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo

Introdução: A violência por parceiro íntimo (VPI) consiste em atos ou omissão baseado no gênero que cause sofrimento físico, sexual ou psicológico. **Objetivo:** Identificar a distribuição da violência por parceiro íntimo ao longo da vida segundo as características sociodemográficas de mulheres vítimas de violência. **Metodologia:** Estudo descritivo conduzido no setor de ginecologia do Hospital Cassiano Antônio Moraes, no município de Vitória, Espírito Santo, entre agosto/2017 e junho/2018. Nessa pesquisa foram incluídas mulheres adultas (20 a 59 anos) vítimas de violência pelo parceiro ao longo da vida totalizando uma amostra de 107 participantes. O questionário para coleta dos dados socioeconômicos e de experiência de violência foi aplicado por entrevistadoras treinadas. Foram apresentadas frequências brutas, relativas e os intervalos de confiança 95%. **Resultados:** Observa-se que entre as mulheres em situação de violência pelo parceiro íntimo ao longo da vida 39,3% vivenciaram um tipo enquanto 60,7% sofreram dois ou mais tipos de violência. Nota-se que a vivência de um tipo e dois tipos ou mais de violência ao longo da vida foram mais frequentes, respectivamente, em mulheres com 35 anos ou mais (64,3% e 73,8%), pardas e pretas (87,5% e 82,0%), com renda de 1 salário mínimo ou mais (80,9% e 52,3%), que possuem trabalho remunerado (71,4% e 58,5%) e religião (85,7% e 78,5%). Contudo observa-se que vivenciar um tipo de violência foi mais frequente em mulheres casadas (54,8%) e com 9 anos ou mais de estudo (66,7%) enquanto dois tipos ou mais foi mais frequente em mulheres solteiras (36,9%) e com até 8 anos de estudo (56,3%). **Conclusão:** Constata-se que a VPI na vida esteve com maior frequência em determinadas características socioeconômicas. É fundamental identificar os grupos de risco de modo a implementar programas e serviços nos diferentes setores, cuja finalidade seja a prevenção e a resposta a violência.

Palavras-chave: Violência por Parceiro Íntimo; Violência; Saúde da Mulher; Ginecologia.

A VITIMIZAÇÃO DE VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO AO LONGO DA VIDA E O APOIO SOCIAL PERCEBIDO: ESTUDO EM UM SETOR DE GINECOLOGIA

JOYCE FERREIRA REIS¹; RANIELLE DE PAULA SILVA²; FRANCIÉLE MARABOTTI COSTA LEITE³

¹Estudante da graduação. Departamento de Enfermagem. Universidade Federal do Espírito Santo; ²Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo; ³Enfermeira. Doutora. Departamento de Enfermagem. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Espírito Santo

Introdução: A violência por parceiro íntimo (VPI) têm repercussões negativas sobre a saúde e cidadania das mulheres limitando o exercício da liberdade. Pontua-se a importância do suporte social no enfrentamento a VPI, visto que influencia na qualidade de vida e a capacidade de enfrentar situações difíceis. **Objetivos:** Identificar a distribuição da violência por parceiro íntimo ao longo da vida segundo o nível de suporte social de mulheres vítimas de violência. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo com 107 mulheres adultas vítimas de VPI ao longo da vida internadas no setor de ginecologia do Hospital Cassiano Antônio Moraes, no município de Vitória, Espírito Santo. Entre agosto/2017 a junho/2018, aplicaram-se questionários para obter o nível de suporte social em cinco diferentes âmbitos e para identificar a VPI. Os dados foram apresentados em frequências brutas, relativas e os intervalos de confiança 95%. **Resultados:** Em relação à experiência de um tipo de VPI na vida, nota-se que o suporte social material e afetivo foi baixo para 33,3% e 31,0% das mulheres. Enquanto cerca de 43,0% consideraram baixos tanto o apoio emocional quanto o de interação positiva. Já a maioria que sofreu um tipo de VPI na vida relatou baixo suporte social de informação (54,8%). No que tange vivenciar dois tipos ou mais de violência na vida, identifica-se que 35,4% e 33,8% relataram baixo apoio social material e afetivo. Entre as mulheres que vivenciaram dois tipos ou mais de violência, três em cada dez declararam como baixo os suportes emocional e de informação e quatro em cada dez consideraram baixo de interação social positiva. **Conclusão:** O estudo revelou baixo suporte social de forma significativa nas mulheres vítimas de violência. Destaca-se a importância do rastreamento dos níveis do suporte social no atendimento às mulheres vítimas de violência para o enfrentamento à VPI.

Palavras-chave: Violência por Parceiro Íntimo; Apoio Social; Saúde da Mulher; Ginecologia.

A COVID-19 E OS EFEITOS DA DOENÇA EM ADOLESCENTES: AÇÃO DOS PROFESSORES DO COLÉGIO JOAQUIM DE FREITAS APÓS RETORNO AS AULAS

ROUCHELE PEREIRA DA SILVA SOUZA¹; IGOR MAIA DE OLIVEIRA²; PALOMA CARVALHO DIAS³

¹Enfermeira. Hospital Padre Antônio Manoel da Rocha e Docente Colégio Estadual Joaquim de Freitas; ²Graduando em enfermagem pela Universidade do Estado da Bahia; ³Docente. Universidade do Estado da Bahia.

Introdução: O ano de 2020 tem sido extremamente desafiador para o mundo. Tendo como epicentro a cidade chinesa de Wuhan, a COVID19, é referida, em 31 de dezembro de 2019, doença de transmissibilidade altíssima, o vírus rapidamente se constitui, pela autoridade da OMS, uma pandemia, definindo uma condição de emergência de saúde pública, tomando medidas sanitárias rígidas, que originou vários problemas sociais, inclusive para os adolescentes. De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) alguns fatores determinam a saúde mental do adolescente: autonomia, prática de atividades, convivência grupal, qualidade de vida em casa, entre outros, no período de pandemia todos esses fatores se resumem em: isolamento social, interferindo na vida dos adolescentes. **Objetivo:** Identificar os efeitos da pandemia sobre os adolescentes, principalmente em seus aspectos, emocionais e psíquicos, pensando em propostas a serem utilizadas pelos professores no retorno as aulas presenciais. **Metodologia:** Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo sobre os problemas psicológicos oriundos da pandemia a ser realizados em adolescentes de 10 a 20 anos no Colégio Estadual Joaquim de Freitas após retorno as aulas presenciais, através de um questionário retroativo a época do isolamento social com dados de como foi enfrentada as adversidades da situação vivida e quais principais problemas esse grupo veio a desenvolver além do que se é prognosticado para seu futuro após o retorno a sua rotina. **Resultados esperados:** Diagnosticar os principais problemas sofridos pelos adolescentes para que sejam empregadas da melhor maneira possível as Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e de Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde com ajuda do PSE (Programa saúde na escola) de maneira a enxergar os adolescentes em questão como seres singular em todos seus aspectos biopsicossocial e apoio aos professores do CEJF para ajudar nossos adolescentes a se estabilizarem no período pós pandemia. **Conclusão:** A disseminação da COVID-19 revela profundos problemas nacionais em diversos setores, inclusive na educação que interfere de maneira direta na saúde do adolescente, os professores e equipe multidisciplinar escolar precisam estar preparados para receber e ajudar na resolutividade de maneira equitativa dessas sequelas.

Palavras-chave: Infecções por Coronavírus; Adolescência; Suicídio; Capacitação de Professores; Ansiedade; Depressão.

CARACTERIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL E DOS AGRESSORES NO PERÍODO DE 2009-2018

THAMIRES CARDOSO CASTRO¹; GIOVANA COLETTI SEGGER¹; EUGÊNIO NUNES DO CARMO¹; FELIPE AFFONSO DE ANDRADE BAQUEIRO¹; FERNANDA TOURINHO PINTO FERRAZ¹; PAMELLA FERNANDES FRANÇA DAS GRAÇAS¹; INARA RUSSONI DE LIMALAGO²

¹Acadêmico de Medicina, UFOB; ²Médica de Família e Comunidade. Mestranda UFSB. Professora UFOB.

Introdução: Violência sexual é toda ação com uso de força física, intimidação ou manipulação psicológica que obrigue alguém a participar/presenciar de atos ou qualquer tipo de interação sexual. **Objetivos:** Descrever notificações formando um perfil epidemiológico de crianças brasileiras que sofreram violência sexual, no período de 2009 a 2018, além de caracterizar os agressores. **Metodologia:** Estudo descritivo quantitativo retrospectivo das características: sexo, raça, local da violência contra crianças menores de 1 ano, 1 a 4 anos e 5 a 9 anos e seus agressores (mãe, pai, padrasto, madrasta, amigo/conhecido e cuidador), a partir de dados do SINAN e disponibilizados pelo DATASUS. **Resultados:** Foram identificados 80.362 casos de violência sexual, no período observado, sendo 20.589 (25,62%) correspondentes a crianças do sexo masculino e 59.773 (59,773%) do sexo feminino, quanto à faixa etária entre 5 aos 9 anos, foi a que apresentou maior número de notificações para ambos os sexos. Analisando o critério racial, 31.581 (45,35%) notificações eram de crianças brancas, seguido de 31.336 (45%) crianças pardas. Sobre o local da violência, a residência 55.747 (79,53%) mostrou-se o ambiente mais frequente e as crianças mais vulneráveis tinham entre 1 a 4 anos. Dentro das 69.720 notificações responsabilizando o pai pela violência, 13.090 (18,78%) o apontavam como agressor, já nas 69.567 notificações de mães agressoras, (2.670) 3,84% ela era a agressora. Dos 69.803 casos identificando o padrasto como o agressor, 9.033 (12,84%) eram positivos, já as madrastas foram autoras de 266 (menos de 0,5%) dos 62.074 casos registrados. Amigos/conhecidos eram responsáveis por 21.073 notificações e cuidadores foram agentes de 1.529 agressões. **Conclusão:** Ainda que vigilância e notificações sejam realizadas, esse agravo demonstra-se subnotificado, ressaltando a falta de políticas públicas que coíbam esse crime e a necessidade de sensibilização do sistema público, enquanto mecanismo de proteção.

Palavras-chave: Violência sexual infantil. Abuso sexual infantil. Violência. Crianças.

PERFIL DA MORTALIDADE POR ACIDENTES DE TRANSPORTE E ACIDENTES AUTOMOBILÍSTICOS NO BRASIL

WALLISON MARTINS RANGEL¹; GÊNESIS DE SOUZA BARBOSA²

¹Discente em Enfermagem UFRJ Macaé; ²Docente em Enfermagem Obstetrícia UFRJ Macaé

Introdução: as mortes no trânsito juntamente com as lesões ocasionadas são vistas como uma questão de Saúde Pública. E em 2018 a OMS emitiu relatório sobre acidentes de trânsito, indicando que mais de 1,34 milhão de pessoas morreram no mundo, em razão dos acidentes de trânsito. Entre 2009 a 2018 no Brasil, tivemos 1.505.901 mortes em vias públicas, sendo a maior incidência na região Sudeste. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico da mortalidade por acidente de trânsito no Brasil, segundo região. **Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo, que utilizou dados sobre mortalidade por acidentes de transporte terrestre, provenientes do DATASUS, no período de 2009 a 2018. O estudo considerou as variáveis relacionadas à mortalidade em decorrência de acidentes de trânsito no Sistema de Informação sobre Mortalidade do SUS: faixa etária, sexo, tipo de trauma, região geográfica do Brasil. **Resultados:** A faixa etária evidenciada, foi de 20 a 29 anos (adultos jovens); 30 à 39 (adultos); 40 à 49 (adultos); 50 à 59 (adultos); e 60 anos e mais (idosos). Houve predominância dos acidentes entremotociclistas e ocupantes de automóvel, sendo em maior prevalência na Região Sudeste. O percentual entre óbitos relacionados à acidentes com motociclistas é de 7,72%. **Conclusão:** há necessidade de reforço nas estratégias de prevenção de acidentes, especialmente nos grandes centros e junto à população adulta jovem.

Palavras-chave: Acidente Automobilístico; Estatística & Dados Numéricos; Mortalidade; Epidemiologia

**TRABALHOS PREMIADOS
NO EVENTO**

PERFIL DA MORTALIDADE POR ACIDENTES DE TRANSPORTE E ACIDENTES AUTOMOBILÍSTICOS NO BRASIL

WALLISON MARTINS RANGEL¹; GÊNESIS DE SOUZA BARBOSA²

¹Discente em Enfermagem UFRJ Macaé; ²Docente em Enfermagem Obstetrícia UFRJ Macaé

Introdução: as mortes no trânsito juntamente com as lesões ocasionadas são vistas como uma questão de Saúde Pública. E em 2018 a OMS emitiu relatório sobre acidentes de trânsito, indicando que mais de 1,34 milhão de pessoas morreram no mundo, em razão dos acidentes de trânsito. Entre 2009 a 2018 no Brasil, tivemos 1.505.901 mortes em vias públicas, sendo a maior incidência na região Sudeste. **Objetivo:** Descrever o perfil epidemiológico da mortalidade por acidente de trânsito no Brasil, segundo região. **Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo, que utilizou dados sobre mortalidade por acidentes de transporte terrestre, provenientes do DATASUS, no período de 2009 a 2018. O estudo considerou as variáveis relacionadas à mortalidade em decorrência de acidentes de trânsito no Sistema de Informação sobre Mortalidade do SUS: faixa etária, sexo, tipo de trauma, região geográfica do Brasil. **Resultados:** A faixa etária evidenciada, foi de 20 a 29 anos (adultos jovens); 30 à 39 (adultos); 40 à 49 (adultos); 50 à 59 (adultos); e 60 anos e mais (idosos). Houve predominância dos acidentes entremotociclistas e ocupantes de automóvel, sendo em maior prevalência na Região Sudeste. O percentual entre óbitos relacionados à acidentes com motociclistas é de 7,72%. **Conclusão:** há necessidade de reforço nas estratégias de prevenção de acidentes, especialmente nos grandes centros e junto à população adulta jovem.

Palavras-chave: Acidente Automobilístico; Estatística & Dados Numéricos; Mortalidade; Epidemiologia

GRUPO TERAPÊUTICO DE MULHERES NA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DO ALAGOANO E A ORGANIZAÇÃO DO COLETIVO DE MULHERES UNIDAS DE CARATOÍRA – MUCA

PAOLA DANIELLY ULIANA PETERLE¹; KEITY MIYUKI MOREIRA OKAMOTO²

¹Psicóloga. Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Vitória; ²Fonoaudióloga. Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Vitória

Introdução: Segundo a Vigilância em Saúde de Vitória, 73,4% das notificações de violências interpessoais/autoprovocadas dos residentes em 2019, foram de mulheres e 64,3% mulheres negras. Efeitos desse agravo trazem consequências na relação das mulheres consigo e com o mundo e configura um grave problema de saúde pública. Porém, a lógica territorial da Atenção Primária em Saúde, mostra-se estratégica no enfrentamento das violências. **Objetivo:** Apresentar a experiência do Grupo Terapêutico de Mulheres na Unidade Básica de Saúde – UBS Alagoano como mecanismo de cuidado, prevenção e organização do Coletivo MUCA. **Metodologia:** As reuniões do “grupo terapêutico” de mulheres iniciaram em 2016 com encontros semanais, média de 10 participantes e rotatividade entre elas. Funcionou de forma co-gestiva, acolhimento aberto, oficinas temáticas e ações de intervenção na comunidade, facilitadas pela psicóloga e fonoaudióloga da UBS. **Resultados:** As participantes assumiram protagonismo no grupo, fortalecendo as lutas para a transformação da realidade local. Os efeitos da organização das mulheres demonstram a potência desse instrumento de enfrentamento à violência numa sociedade hegemonicamente sexista, racista e patriarcal. Ao compartilharem suas experiências e perceberem a produção social da violência, as mulheres identificavam forças criativas resistentes à opressão, desnaturalizavam sentimentos de culpa associados a princípios religiosos, promovendo saúde. O grupo ganhou visibilidade nas mídias e comunidade e conta com representante no Conselho Local de Saúde. No contexto da pandemia de Covid-19, as ações do MUCA de arrecadação e distribuição de cestas básicas, materiais de higiene e limpeza e orientações quanto à prevenção, ganharam maior reconhecimento da comunidade. **Conclusões:** A necessidade de mobilização e fortalecimento de espaços coletivos comunitários que dialoguem com enfrentamento da violência contra as mulheres, une-se ao lugar estratégico ocupado pela Unidade Básica de Saúde, referência territorial e possibilidade de cuidado ético-político no SUS para uma ampliação das estratégias de cuidados associadas à universalização dos direitos em saúde.

Palavras-chave: Violência; Mulheres; Saúde; Cuidado